

01

Os Compositores

24/01/99

Antes de ouvirmos e analisarmos os concertos de Brahms, o que se dará no próximo encontro, dedicamos hoje a nossa conversa a uma série de obras francesas as quais, embora não estruturadas no espírito e na forma do concerto, não deixam de ser obras para solo

02

e orquestra, articuladas noutras formas e noutro espírito . E começamos com um belo poema de Henri Chausson para violino e orquestra.

Chausson foi discípulo querido de César Franck e teria sido destinado a uma brilhante carreira de compositor, nas pegadas de seu mestre tendente a reamoldar a tradição instrumental francesa *quebrada* pela paixão melodramática que

invadiu a França no século XIX. Mas tal promessa foi interrompida abruptamente quando Chausson ainda muito jovem perdeu o equilíbrio da bicicleta e bateu a cabeça contra um muro, morrendo instantaneamente..

O poema é uma bela expressão daquela doce tristeza que encarna o último romantismo, feita de nostalgias de buscas de novos horizontes e, principalmente de uma

04

intensa pesquisa harmônica. O violino, embora emergente é tratado na maior parte da obra como um instrumento concertante junto a uma orquestra sinfônica rica de timbres delicados e requintados.

Vamos ouvir o “Poema para Violino e Orquestra” de Henri Chausson na interpretação de David Oistrakh com a Orquestra Sinfônica de Boston regida pôr Charles Munch.

Saliento que Oistrakh toca num violino "Stradivarius" de propriedade do governo soviético, a ele emprestado. Imagine a responsabilidade de um violinista que leva pelo mundo afora um violino do governo ; mas bem que outros governos poderiam fazer o mesmo.

Música

Poema para Violino e

Orquestra

Disco : 01

Lado : 01

06

Faixa : 01
12 minutos

Duração :

Uma peça favorita dos concertistas é a “Introdução e rondo caprichoso” de Camille Saint Saëns, pela sua extraordinária vitalidade, a sua expressiva facilidade de comunicação. Sabemos que Saint Saëns foi, com César Franck, uma das duas almas do “renouveau” francês, isto é, daquele movimento de restauração da tradição

instrumental que marcou na França as últimas décadas do século XIX : mais clássico Saint Saëns, indireto filho da serenidade mendelssohniana , mais atormentado e renovador César Franck.

Saint Saëns não descuidou do gênero do concerto em seus moldes tradicionais, com um traço de pedantismo e muita sabedoria. Essa “ Introdução e rondo caprichoso ”, pelo contrário, brilha pelo seu frescor.

08

Toca ainda David Oistrakh
com a Sinfônica de Boston
regida pôr Charles Munch.

Música

Introdução e rondo
caprichoso

Disco : 01

Lado : 01

Faixa : 02

Duração :

08 minutos

Do discípulo Chausson
remontamos ao mestre César
Franck , organista como Saint
Saëns mas já projetado para

09

novos horizontes . Para Franck cada gênero musical é um problema estrutural a ser resolvido com extremo cuidado e com um superior sentido de responsabilidade. Por isto, de cada gênero ele deixa um único exemplar : uma sinfonia, uma sonata de violino, um trio, um quarteto, um quinteto e uma peça para piano e orquestra que levou o título de “Variações sinfônicas”. É uma obra de extraordinária beleza, rica de

incomparáveis recursos harmônicos , toda intensa, sem um momento de cansaço . O diálogo entre o piano solista e orquestra é conduzido com profundo sentido dramático.

Poderíamos dizer que nessa obra Franck põe em ação o ensinamento beethoveniano do quinto concerto para piano e orquestra, no sentido da integração total entre os dois, sendo o piano não mais um ditador mas um “primus inter

pares”. A virtuosidade é incluída naturalmente no conteúdo musical, sem o menor traço de ostentação. Pôr isto não há nenhuma cadência do solista no sentido tradicional.

Vamos ouvir as “Variações Sinfônicas para piano e orquestra” de César Franck na interpretação do pianista Alexander Brailowsky com a orquestra da RCA Victor regida pôr Fritz Reiner.

12

Música

Variações Sinfônicas

Disco : 02 Lado : 02

Faixas: todas Duração : 15
minutos

Ao contrário das
“Variações Sinfônicas” de
Franck sem cadência, começa
com uma enorme cadência do
solista a “Tzigane” de Ravel
para violino e orquestra. Na
verdade, essa peça foi

redigida inicialmente para violino e piano, mas o seu contexto parecia exigir a versão orquestral.

Basco de nascimento Ravel tem sempre um pé na França e outro na Espanha, que o fascina com a própria voz do sangue. Aqui ele não visa o rico folclore espanhol mas utiliza com extraordinária habilidade melodias, ritmos e harmonias típicas dos ciganos, de cuja etnia a Espanha é

extraordinariamente rica.
Exorta os músicos a
perceberem o característico
emprego da escala cigana
com as duas segundas
aumentadas, extrema herança
do neo-cromático grego.

Vamos ouvir então a
“Tzigane” de Ravel na
interpretação do violinista
belga Arthur Grumiaux com
a orquestra Sinfônica de
Londrs regida pôr Manuel
Rosenthal.

Música

Tzigane

Disco: 03

Lado :

02

Faixa : 02

Duração:

10 minutos

No limitado repertório instrumental da França do século XIX é singular o caso de Edouard Lalo pela sua produção de música de câmara, quase ignorada em seu tempo perto do sucesso

do ballet “Namouna” e da ópera “Le roi d ys” .

Lalo escreveu um concerto violinístico, mas a sua fama hoje é ligada a “Rapsódia Norueguesa” e, principalmente, a “Rapsódia Espanhola para violino e orquestra”. Essa última é uma obra francamente fascinante pela elegância da escrita musical, a riqueza dos ritmos , a cor e atmosfera da Espanha que Lalo consegue captar. A rapsódia é dividida

em cinco partes que mais ou menos poderiam corresponder aos andamentos de um concerto tradicional, embora sem uma precisa distinção de intenções poéticas. O primeiro andamento é francamente espanhol pela rítmica e a intensidade cantante e gestual do primeiro tema contrastando com a doçura e a expressividade do segundo tema . O segundo andamento tem caráter de scherzo, com

uma constante vivacidade rítmica de elegante fluência.

O terceiro andamento tem caráter de “intermezzo”,

quase preparando a expressividade vocal do “andante”, que constitui o

quarto andamento e é o verdadeiro andamento expressivo da obra.

A Rapsódia termina com um rondo, quase uma síntese do espanholismo da obra inteira.

Ao lado de tamanhos méritos, Lalo, sem saber

cometeu um crime: gerou um filho que se tornou um famoso e feroz crítico musical e não entendeu nada do impressionismo tentando em seu escritos derrubar Debussy e Ravel,

Vamos ouvir então a “Rapsódia Espanhola” de Edouard Lalo. Com o violinista David Oistrkh e a Orquestra Filarmonia de Londres regida pôr Jean Martinon.

20

Música

Rapsódia Espanhola

Disco : 04

Lado : 02

Faixas : todas
minutos

Duração : 38

Ópera

VERDI

01- “ Un ballo in maschera”
La rivedrá nell’estase

21

Pavarotti

Disco : 05

CD : 02

Faixa : 02

Duração

: 02:01”

02- “La forza del destino”

Invano Alvaro

Barítno : De Luca

Tenor : Martinelli

Disco : 06

Lado :

02

Faixas : 03

Duração : 08 minutos

22

03- "Don Carlos"

O Carlo ascolta

Barítono : De Luca

Disco : 06 Lado :

01

Faixas : 02

Duração : 04 minutos

04- "Don Carlos"

Ela j"amai m"ammou

...

Baixo : Ezio Pinza

Disco : 07 Lado :

01

23

Faixas : 04

Duração : 05 minutos

~~Ao c~~

~~uma enorme cadência do solista a
"Tzigane" de Ravel para violino e
orquestra. Na verdade,~~